

MARÉ VIVA

DIRECTOR: (interino) VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO I N.º 12 — PREÇO 3\$50 — 15/9/76

DE SEMANA A SEMANA

Chile 1973-1976

11 de Setembro de 1973! O Governo Popular do Chile presidido por Salvador Allende, livremente escolhido pelo Povo chileno, é derrubado por um golpe militar. Inicia-se então, sob a chefia do general Pinochet, uma ditadura fascista. Milhares de chilenos são assassinados em praças públicas. Milhares de chilenos são presos e torturados. A caminhada para uma sociedade socialista é substituída pela violência do fascismo. Em vez de justiça, exploração. Em vez de liberdade, violência. Em vez de paz, terror.

11 de Setembro de 1976! Três anos passados sobre o assassinato do Presidente Allende. Três anos em que todos os Povos do mundo, lançaram o seu grito de protesto contra uma situação que o imperialismo teima manter, para salvaguardar os seus interesses.

11 de Setembro! Uma data que permanecerá na História, como símbolo duma situação que se deve evitar, como aviso para todos aqueles que lutam pela construção da Democracia, do Socialismo.

a outra face da cidade



Não sabemos que mais admirar na cena que a gravura reproduz: se o aspecto do local de que as crianças, à falta de melhor, se servem como se fora parque aprimorado, se a imaginação e adaptação daquelas miúdas, que até dum montão de lixo e ferro-velho fazem uma boa razão para se expandirem.

Na verdade, parece que à grande maioria das nossas crianças pouco mais resta do que improvisarem as suas zonas de recreio em algum passeio mais largo, ou nalgum bocado de terreno ainda à espera de construção (e, geralmente, «ornamentado» pela inevitável lixeira).

Quando a possibilidades de solução para estes casos, lembramos a entrevista que, há alguns números, deu ao nosso jornal o arquitecto-urbanista da Câmara, e em que se falou da necessidade de se criarem pe-

quenas zonas verdes junto aos quarteirões, por exemplo. Tarefa pouco fácil? Sem dúvida, sobretudo quando os problemas são tantos que as crianças, até porque não costumam protestar muito, acabam por ficar na lista das boas intenções. Mas, vistas bem as coisas, talvez até nem fosse tão difícil como isso. Basta apontar o exemplo de outras terras, onde têm sido as próprias populações a interessarem-se pela resolução do problema.

Vem aí a escola, afinal o único local minimamente organizado para as crianças. Parece-nos ser dever de todos que estão ligados ao ensino, nomeadamente professores e pais e suas respectivas comissões, esforçarem-se cada vez mais para irem suprindo, de alguma forma, as muitas carências ainda existentes. Com a certeza de que é o tal futuro melhor que estarão a preparar.

Pensar a Igreja no Mundo de hoje

• Ouvindo três padres

«MARE VIVA», como repetidamente tem afirmado desde os seus princípios, procura estar atento a tudo o que seja importante para as gentes da região. Procura mostrar aquilo que é notícia, e procura estudar com certa profundidade tudo o que possa preocupar os leitores. É por isso mesmo que hoje, aqui, se fala da Igreja. Lembremo-nos como a religião é importante para muitas pessoas, seja aqui na nossa zona, seja mesmo em todo o Portugal. Lembremo-nos da influência enorme da religião ao nível dos íntimos, como ao nível já público, político, social. Lembremo-nos como foi e é discutido o papel da Igreja no tempo do fascismo e, mais tarde, em relação ao 25 de Abril.

Por tudo isto achámos importante falar de Igreja, para o que realizámos uma entrevista com três padres da região (os Padres em serviço nas paróquias de Moselos, Lourosa e S. Paio de Oleiros). Com isto pretendemos atingir dois objectivos: apresentar alguns pontos de reflexão sobre a Igreja e conhecer o pensamento e o trabalho de três padres que têm sido notícia na nossa zona. Três padres novos, a trabalhar aqui há perto de um ano, que já foram agredidos, que já foram defendidos pelo povo das suas paróquias, que têm sido insultados com panfletos clandestinos, que têm provocado a ira de grandes senhores, que têm agitado a opinião da própria hierarquia da Igreja. Três padres que muita gente quer marginalizar.

P.º Bernardino Alves, P.º José Rodrigues, P.º José Coelho. Vivem juntos, em comunidade, e são responsáveis pelas paróquias de Moselos, Lourosa e S. Paio de Oleiros. Como entendem eles a sua missão? Como orientam o seu trabalho? Porque é que lutam?

— A Igreja, para nós, é essencialmente comunidade, povo que escolheu o caminho de Jesus Cristo e se dedica à transformação e renovação do mundo. Ora a Igreja, se é povo, é também para o povo, e um povo situado neste mundo concreto que é o nosso. Cristo assumiu a natureza humana e foi solidário com os homens em tudo, na maneira como reagiu às forças da opressão. Nunca negou essa solidariedade e acabou por ser morto. Por isso a missão da Igreja é difícil. Ela deve trabalhar para fazer do homem um ser livre, adulto, senhor do seu destino. A Igreja deve estar bem metida nas inquietações dos homens, deve estar sempre com eles a lutar pela sua libertação das situações que oprimem.

Daqui vemos que não há incompatibilidade ou oposição entre o trabalho da Igreja e o trabalho socialmente compro-

metido, em favor da liberdade, da igualdade e da justiça. Simplesmente, nós entendemos que a capacidade da Igreja não se esgota com o trabalho político-social. Há para nós uma outra dimensão, mais profunda, que empenha o homem todo até ao limite das suas capacidades. Isto na perspectiva cristã, claro. Isto não pode, entretanto, servir de pretexto para um refúgio no espiritual como maneira de fugir ao mundo real. Os cristãos forjam-se no encontro duro com a vida, no trabalho quotidiano com os homens. O que é difícil, pois obriga a viver quase na contra-corrente no meio de uma sociedade que apela ao comodismo, ao consumo, ao conforto individual, ao aburguesamento da vida sem nos importarmos com os outros. O cristão não pode fugir do mundo e dos homens reais que vivem, sofrem e lutam, sob pena de se negar.

Isso é a Igreja que vocês querem, e pela qual lutam, numa perspectiva de fidelidade ao Evangelho. Entretanto, a Igreja com que deparamos actualmente é ainda muito diferente disso...

(Conclui na pág. 5)

LEIA

Festas N.ª S.ª da Ajuda

- Fala a Comissão de Festas

Na página 8

Maré-Rua

- Antes do discurso

Na página 3

MARINHA DE SILVALDE PAVIMENTAÇÃO DAS RUAS DO BAIRRO

Sob a responsabilidade da Comissão Administrativa da Câmara, iniciaram-se já as obras de pavimentação a asfalto das ruas do Bairro da Marinha de Silvalde.

Obra de grande interesse para a população local, arrancou sem qualquer subsídio ou comparticipação do Estado, como nos disse o Vice-Presidente da Câmara, sr. Artur Bártolo, em breve conversa com ele havida.

É o desfecho lógico dum processo iniciado há muitos meses com a apresentação à Junta de Freguesia respectiva, pelos moradores daquele Bairro, dum caderno reivindicativo onde, além das obras agora em curso, se incluíam também um lavadouro e balneários públicos.

Conforme nos informaram os elementos da Associação de Moradores, Álvaro Leite, Manuel Pais e Maria Alice Reis, aquele caderno foi em devido tempo entregue pela Junta de Freguesia à Câmara de Espinho. A Associação de Moradores, logo que foi constituída, insistiu junto da Comissão Administrativa pelo seu despacho favorável. Há mais de meio ano que a realização desta obra havia sido prometida pela Câmara, sendo do conhecimento da Associação de Moradores que o atraso no início das obras se deve a questões relacionadas com os empreiteiros por programação de serviços.

A pavimentação das ruas vai permitir melhorar os sistemas de saneamento e escoamento de águas que, no Inverno, são um problema sério naquele Bairro, com cheias frequentes. Conforme palavras daqueles elementos da Associação, alguns problemas graves ficam ainda por resolver. E o menor não será, com certeza, o mau estado em que continua uma grande parte dos passeios do Bairro que são o «jardim infantil», o único local de que as crianças dispõem. Com as ruas asfaltadas como vão ficar, maior será a tentação de trocar por estas os passeios em mau estado e de por elas passarem a circular as pessoas nas suas deslocações com todos os perigos inerentes que isso acarreta.

Aproveitaram os elementos da Asso-

ciação de Moradores para nos referirem mais algumas das suas carências, por cuja satisfação se têm vindo a empenhar em várias instâncias, infelizmente até agora sem qualquer sucesso: a colocação de um varredor municipal e de um guarda da P.S.P. naquele Bairro, a instalação de uma cabina telefónica (com as lojas fechadas, de noite não há telefones), de contentores para o lixo e o arranjo da passagem da via férrea, entre outras necessidades.

Não esquecendo a já velha questão das casas a construir e consequente remoção dos pré-fabricados do S.A.A.L., que entre outros problemas impediu a programada construção de duas faixas separadas na Rua 43.

NO TI CI AS

CENTRO DE ESTUDOS

Publicámos num dos números anteriores uma notícia em que se anunciava a criação de um Centro de Estudos em Espinho, iniciativa da Cooperativa Nascente.

Tentaremos hoje esclarecer alguns pontos sobre este assunto. O Centro destina-se, como já dissemos, a trabalhadores, quer trabalhem por conta de outrem, quer por conta própria, pelo que funcionará, à semelhança dos estabelecimentos deste género, com horários compatíveis com as actividades profissionais dos

alunos. Assim, pensa-se que as aulas virão a funcionar das 19 às 24 horas.

Os cursos serão dados em regime intensivo, isto é, a preparação para o exame do ciclo preparatório, do 2.º ou do 3.º ciclo será feita apenas num ano. E os exames serão feitos por disciplinas ou por secção, conforme a disponibilidade dos alunos.

Além do seu objectivo principal — criar as condições mínimas para um ensino de elevado nível — procurará o Centro aliar às actividades escolares, as de natureza cultural que a NASCENTE tem vindo já a fomentar.

É de referir também que esta iniciativa não tem fins lucrativos. Logo, as propinas serão em função das despesas e do número de alunos que vier a inscrever-se. É, portanto, de toda a urgência a inscrição de todos os possíveis interessados a fim de se poderem organizar os cursos e fixar o montante das referidas propinas. Esta inscrição deverá ser feita na Cooperativa Nascente, Rua 62-n.º 251-1.º, das 22 às 23,30 h.

O próximo número de «Maré Viva» fornecerá mais alguns elementos concretos sobre o assunto.

XIII FESTIVAL DE MÚSICA

Realizou-se no passado dia 6 no Hotel Praia-Golfe mais um concerto do Festival de Música. Tratou-se de um recital de Canto e Piano em que actuaram as concertistas Fernanda Rovira e Maria Teresa Paiva.

A primeira parte do programa — Piano — foi constituída por improvisos de Schubert e quatro prelúdios de Chopin. Maria Teresa Paiva, evidenciando a sua preferência pelo estilo romântico, brindou-nos com uma excelente interpretação dos improvisos, quanto a nós, o ponto alto da sua execução. Muito aplaudida, tocou como números extras duas valsas de Chopin, igualmente bem recebidas pelo vasto público que enchia a sala.

Na segunda parte — Canto e Piano — ouviram-se vários trechos de Música Popular Portuguesa e o mesmo género de música do País vizinho. Pela sua leveza e acessibilidade, o repertório agradou ao público que no fim aplaudiu as duas concertistas generosamente.

Na passada segunda-feira dia 13, teve lugar um recital pela pianista Maria José de Sousa Guedes, do qual esperamos dar notícias no próximo número.

O Festival encerrar-se-á na próxima segunda-feira com um concerto pelo consagrado Trio Pró-Arte.

NO MEU JARDIM...

A droga foi já mais de uma vez motivo para relato nas colunas do nosso jornal. Mas o facto em si, não pode pôr termo à mesma, e mais uma vez tal volta a acontecer.

Já por diversas vezes, se tem lido nos jornais diários notícias de plantações de pés de liamba. Acontece que o facto tem despertado a atenção de muita gente, visto acontecer assiduamente. Mas ao sr. Manuel Rodrigues de Oliveira, de 42 anos e morador no lugar de Espinho, S. Félix da Marinha, tal facto nunca o preocupou demasiado visto dedicar todas as suas horas vagas, ao cuidado e tratamento de pombos; os quais serviram de intermediário para a descoberta dum pé de liamba com 2,40 metros de altura. Exacto, um pé de liamba! No meio das flores do seu jardim, o sr. Manuel via também crescer algo que desconhecia, mas como o seu forte não são as plantas, tal facto nunca lhe despertou demasiado a atenção. Os pombos, esses sim, são o seu tempo livre, o seu estar no desporto. E de tal maneira se interessa por eles que frequentemente leva amigos a sua casa para estes os verem. Na última semana o sr. Manuel convidou um amigo retornado para a apreciação dos seus animais de estimação. Este, após os ter apreciado, reparou que no jardim do seu amigo algo estranho ia crescendo. E como entendido, (a liamba tem origem dos países quentes) logo avisou o amigo do facto deste ter uma planta proibida que lhe crescia ali no meio dos odores perfumados das flores. Muito espantado, o sr. Manuel logo se encaminhou à polícia para relatar o insólito aparecimento no seu jardim, desculpando-se de só o fazer tão tarde, visto tal nunca lhe ter atraído demasiado a atenção e o seu entendimento em matéria de «ervas» ser muito pouco. A polícia tomou conta do caso e irá fazer as necessárias averiguações.

Pela nossa parte nada adiantamos. Apenas apontamos o facto para que nele se atente e se lhe dê logo que possível devida resolução.

P. S. — Tome atenção. Não terá o seu jardim também algum pé da planta mencionada?

FESTAS DA N.º S.ª DA AJUDA

Grupo de Coros e Danças da Hungria

Só no passado dia 8, a Comissão de Festas de Espinho conseguiu garantir a presença nesta cidade do grupo VASAS DE «OZD», que fez atrasar a sua inclusão no programa das Festas da N.ª S.ª da Ajuda.

Trata-se de um grupo amador de coros e danças do Sindicato Metalúrgico da Hungria (S.Z.O.T.) e o facto de ter sido vencedor de concursos internacionais na Checoslováquia, Polónia, U.R.S.S., R.D.A. e França, são uma garantia da sua alta categoria.

O espectáculo por este grupo realiza-se no próximo domingo, 19, dia da N.ª S.ª da Ajuda, pelas 15 horas, na «Feirinha», junto ao Parque João de Deus.

VISITA A MÁ HORA

E vá lá um homem esperar pela noite para descansar mais comodamente!

Isto foi talvez o que pensou o sr. Vitorino de Oliveira Santos, proprietário do Salão Azul, na Rua 23, quando na semana passada, pela calada da noite alguém lhe entrou pelo estabelecimento dentro, furtando algumas fantasias como anéis e pulseiras. Tudo isso no valor de 2.500\$00. Para além deste prejuízo, o sr. Vitorino teve também de arcar com as despesas de reparação da montra partida, pois só dessa maneira os larápios conseguiram levar avante os seus intentos. Do sucedido ficou a lamentar-se o proprietário do Salão Azul pois para além do furto ao seu estabelecimento, conseguiram também roubar-lhe horas de sono pois que futuramente e para que o sucedido não volte a acontecer o sr. Vitorino terá que estar alerta. A P.S.P. de Espinho tomou conta da ocorrência.

MARÉ VIVA O JORNAL DA REGIÃO

MARÉ VIVA

SEMANÁRIO

Propriedade:

NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, s.c.r.l

Redacção — Rua 62 n.º 251-1.º
Telef. 921621

ESPINHO

Director (interino)

Víctor Sousa

Fizeram este número:

Ana Maria; Antero Monteiro; António Capelo; António Letra; António Santos; Augusto Mota; Ema Letra; Fausto Neves; Joaquim Fidalgo; Jorge Catarino; José Vasconcelos; Laura Gaio; Márcio Cando; Morais Gaio; Víctor Sousa.

Colaboração especial:

Alberto Barbosa; Manuel Lopes e Tibério Coelho.

Composição e Impressão

Oficinas Gráficas
da Casa Nun'Alvares — Porto

IMPORTANTE

Assinante do «Maré Viva»! Sócio da «Nascente»! Como sabes, a nossa Cooperativa e o nosso jornal não vivem de mecenatos ou outras «protecções».

Por isso é imperioso que venhas actualizar as tuas quotas. Podes fazê-lo na nossa sede, das 18,30 às 20 e das 22 às 23,30.

E já agora aproveita. Contacta com as secções da Nascente: Jornal, Cultural e Centro de Estudos. Também aí a tua colaboração é importante.

S. Paio de Oleiros

2 de Setembro. A Comissão de Festas de 1976 distribuiu um comunicado ao povo oleirense.

Faz ao pároco várias acusações: a de ter faltado ao compromisso de não fazer propaganda anti-festa, antes da sua realização; a de ter acompanhado a procissão «como mero espectador»; a da falta de «sermão ao Santo António» (sic) e a de aproveitamento do Evangelho para os «apelar de ladrões» (sic).

Pergunta, em seguida, tendo em conta o não estar assegurado um serviço religioso como antigamente, «para que precisamos de um padre».

Assume ainda a responsabilidade do desvio dos comunicados do pároco, diz querer «um padre que sirva a todos» e, fazendo um apelo aos oleirenses para que acordem (ainda mais!), termina agradecendo-lhes a eles e aos forasteiros o apoio dado à Comissão para que se fizesse a festa (pela parte que nos toca não tem de quê!)

Até à data, não mereceu o comunicado qualquer resposta fosse de quem fosse.

Grijó

O SENHOR ABADÉ E O CENTRO CULTURAL

Estranho pode parecer efectivamente, verídico é no entanto o facto que nos foi relatado.

Realizou o Centro Desportivo e Cultural da Cotesi uma festa integrada na inauguração das novas instalações, e em cujo programa estavam incluídas uma representação teatral — A Fonte — pelo Centro Cultural de Grijó e uma missa por alma dos sócios falecidos, além de outras realizações.

Fez a direcção do Centro Desportivo e Cultural todos os seus contactos para poder levar à efectivação o programa. Porém nem todos esses contactos constituíram êxito.

De facto, quando se dirigiram ao abade de Grijó, padre Ventura, o mesmo, tendo conhecimento do programa, começou primeiro por dizer que não podia rezar a missa pois já tinha rezado 3, o máximo permitido por lei. Porém adiantou de seguida nova razão — quem sabe se a válida: ele não rezava missa pois o Centro Cultural de Grijó também entrava nas comemorações festivas. Assim, ou ele ou o C.C.G. O espectáculo do C.C.G. foi apresentado e a missa não foi rezada.

O facto, para além de não ser insólito nem único no País, merece ser tornado público, pois representa apenas a mais recente manobra do Sr. Abade contra o Centro Cultural de Grijó. Na verdade, pouco tempo após a fundação deste Centro — que o referido senhor pareceu saudar —, o Sr. Abade começou a tentar hostilizá-lo e difamá-lo, o mesmo fazendo em relação aos elementos que entretanto durante todo este período estiveram na direcção da colectividade.

Porém as suas hostilizações e difamações vão encontrando cada vez menos eco nas gentes de Grijó, como aconteceu mais uma vez com os trabalhadores da Cotesi, que melhor que o Sr. Abade vão conhecendo o C.C.G. através das realizações culturais.

Seria bom, portanto, que o Sr. Abade de Grijó olhasse o exemplo do C.C.G., que apesar de todas as calúnias trabalha em prol da cultura das gentes.

TEATRO DE ESPINHO

em Trás-os-Montes

«Somos um grupo de teatro amador, de Espinho, que resolveu fazer umas férias diferentes. Assim, pensámos numa peça de teatro, ensaiámo-la e resolvemos vir para a zona de Montalegre fazer esse teatro para os habitantes locais».

Assim começava a apresentação do Teatro Popular de Espinho na sua digressão por terras transmontanas, como a seu tempo noticiámos. Os objectivos que levaram este punhado de jovens a fazerem «umas férias diferentes» e que os motivou para um trabalho intenso de preparação da peça nos primeiros 15 dias de Agosto foram, acima de tudo, o da divulgação do teatro e o do contacto directo com as populações. Pensar numa peça que permitisse uma mais fácil compreensão por parte do público e bem-dispor o mesmo, foi a tarefa inicial do grupo. Após um breve trabalho de pesquisa, ficou-se pela peça «O Retábulo das Maravilhas», um entremês de Cervantes que, pelo seu colorido, movimento e situações cómicas, pareceu adequar-se ao tipo de trabalho. Apesar de se notarem no mesmo grupo actores amadores, profissionais e mesmo quem actuasse

pela 1.ª vez, poder-se-á dizer que o colectivo superou o individual e que o trabalho de grupo foi uma constante. O trabalho fez-se em função do tempo (pouco) e da experiência inédita para que era feito. Actuou-se na base duma encenação que permitisse trabalhar ao ar livre e o grupo pode dizer que conseguiu alcançar os seus objectivos iniciais.

Do trabalho inicial ressalva-se pois a experiência nova que foi feita e a conjugação de esforços para o trabalho colectivo.

No que respeita ao trabalho prático, representações na zona de Montalegre, contacto com as populações, etc., o grupo recolheu daí lições importantíssimas para idênticos trabalhos que futuramente pense realizar. Locais que foram desde salas de espectáculos até zonas inclinadas, tudo serviu para repor Cervantes em diversos espectáculos realizados. O público variou também entre si. Muitos emigrantes, que de certo modo prejudicaram o trabalho, e acima de tudo, povo trabalhador local que reagiu bem à peça, riu a «bandeiras despregadas» nas muitas situações cómicas que ela contém e que no balanço geral aceitou o grupo e o seu

trabalho. Eles, mais que ninguém são a prova da não descentralização da cultura. Muita gente viu teatro pela 1.ª vez e no final o pedido era sempre o mesmo: «venham mais vezes, que nós bem gostamos». A região escolhida pode dizer-se a ideal. Pessoas muito abertas; sempre prontas a colaborar e às quais o grupo deve muito do que fez.

Mas nem tudo foram rosas nesta digressão. A chuva que se fez sentir no 1.º fim-de-semana, veio prejudicar o trabalho inicialmente programado, pois tal situação acarretou uma nova revisão e escolha de aldeias a visitar e que permitissem actuar em locais abrigados.

Se por vezes o grupo pecou no aspecto organizativo, tal deve-se à falta de experiência e de futuro poderá retirar daí lições importantíssimas.

A zona agreste, batida pelo sol e pela neve, que marca diariamente aquelas gentes que ganham o pão no trabalho diário de sol a sol, ficou bem marcada na mente daqueles que por lá andaram durante quinze dias recolhendo muito daquilo que lhes irá dar futuramente uma nova experiência de vida no teatro.

Maré-rua

Antes do discurso

19 horas do dia 9 de Setembro. O primeiro-ministro, que devido a uma indisposição não pode falar ontem, faz hoje (dia 10) a anunciada comunicação ao País. Depois de toda a especulação feita em volta do que provavelmente se basearia o discurso, qual seria a previsão do público quanto à sua importância?

«Sou muito capaz de o ouvir na TV. O que nós queremos é que ele diga algo que resolva os actuais problemas. Quanto à sua importância, não sei: depois de ele falar é que se vai ver...»

E foram estas as palavras do sr. Joaquim Capela, o nosso primeiro interlocutor. Descemos a Rua 62 e recolhemos em seguida a opinião do sr. Albertino Ventura:

«Não sei se o vou ver; depende do tempo que tiver. Creio que não será nada de importante: mais um discurso apenas... Enfim, sem grande interesse; de rotina...»

Seguiram-se o José Luís Paulino e a Susana Morris que também não se mostraram muito entusiasmados

quanto à presumível importância da comunicação:

«Talvez iremos ver o dr. Soares. Cremos que o seu discurso não terá a importância que se poderia calcular. Aliás o dr. Mário Soares tem vindo sucessivamente a adiar a abordagem dos verdadeiros problemas nacionais, enfim, a evitar pôr «o dedo na ferida». No discurso de hoje talvez toque alguns dos problemas mas sem profundidade; superficialmente apenas.»

Muito diferente era a opinião da América Fernanda que por nós solicitada prontamente acedeu a colaborar connosco:

«Tenciono ver hoje o primeiro-ministro. Acho que o seu discurso vai ter muita importância e confio plenamente nele para a resolução do momento que atravessamos.»

Começavam-se a fazer horas. Mas ainda fomos ouvindo mais gente.

«Tenho intenção de o ouvir. Agora quanto à importância da comunicação... Sabe, eu cá não vou muito

com o dr. Soares. Não acredito muito no que poderá vir a dizer.»

E mais não disse o sr. Manuel Batista.

A hora do discurso aproximava-se. E com ela, a hora do jantar também. Para terminarmos o «Maré — Rua» de hoje, ainda ouvimos o Adriano Correia Pinto que prontamente nos disse:

«Devo assistir pelo menos a parte do discurso. Claro que nenhuma comunicação pode resolver a situação actual. No entanto terá utilidade, na medida em que será importante que nos informemos melhor sobre os actuais problemas nacionais.»

E fomos para casa ver o dr. Mário Soares. Até para a semana!

FARMÁCIAS

QUARTA — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Telef. 920250

QUINTA — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 3f3 — Telef. 920320

SEXTA — Grande Farmácia
Rua 19 n.º 46 — Telef. 920352

SÁBADO — Farmácia Teixeira
Rua 62 n.º 457 — Telef. 920092

DOMINGO — Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Telef. 920331

SEGUNDA — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Telef. 920250

TERÇA — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Telef. 9203,0

Modas

MENDES

Lanifícios

Rua 16 n.º 683
Telefone 920168

ESPINHO

ALFAIATARIA MANO DE

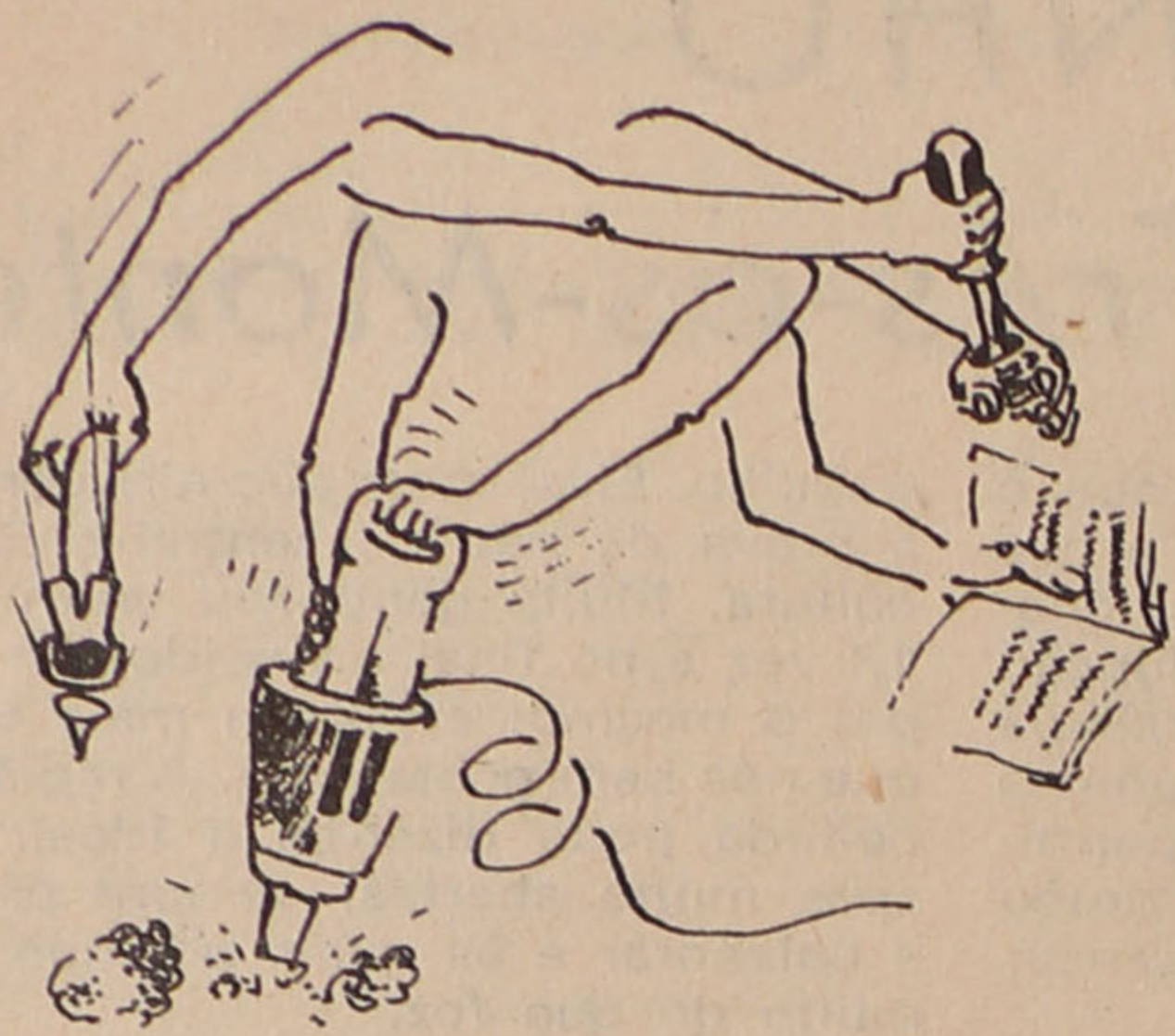
José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731

Telefone, 921823

ESPINHO



TRABA LHO

Os trabalhadores e a informação

Notamo-lo. Muitas vezes.

Deambulando de empresa em empresa, ao encontro dos trabalhadores a braços com conflitos laborais, uma pergunta chegava «à cabeça»: é para o jornal A?; é para o jornal B?

Não. Nem para um nem para qualquer desses jornais diários (e estatizados, alguns) mais lidos pelos trabalhadores, fica claro. Claro que a esses não interessa a pequena luta que é o dia-a-dia dos trabalhadores. Não lhes interessa as grandes lutas para que os trabalhadores se vêem atirados quando lhes falta a Lei ao lado da Razão. Desprezam a ânsia que os trabalhadores sentem de que lhes seja feita justiça perante a opinião pública em geral.

Pois não será verdade que se certos indivíduos abandonam as fábricas, tentam despedimentos ilegais, deixam parar empresas sem matérias-primas, são inábeis e até incompetentes na gestão, os jornais apenas se preocupam em fazer acreditar que são os trabalhadores quem arruina a Economia. Dizem que as greves são selvagens e os trabalhadores inconscientes. Não falam nas relações harmoniosas que a maioria dos trabalhadores, na nossa região, mantêm com os seus patrões. Não dizem que, na grande maioria das pequenas empresas, os trabalhadores abdicam das regalias a que têm direito, acreditando na sua má situação, e aumentam até a produção. Não querem saber das empresas abandonadas por sabotadores, por herdeiros perdulários e por toda uma casta de indivíduos que não compreendem o seu papel de empresários numa sociedade que se defronta com graves problemas, e recuperadas pelos seus trabalhadores que assim asseguram produção e postos de trabalho.

Ignoram. Não dizem a verdade.

As vezes, conseguem ir mais longe: mais do que ignorar, desres-

peitar. Isto vem a propósito de uma moção aprovada, dois meses atrás, por trabalhadores cujos problemas foram largamente retratados nestas páginas, e que ganha uma nova actualidade agora que os jornais estatizados aumentaram o seu preço de 4\$00 para 6\$00. A sua transcrição, na íntegra, é mais um elemento a juntar a tudo o que dissemos sobre os sentimentos dos trabalhadores, a respeito dos jornais que mais lêem.

É o seguinte, o teor da moção:

«Trabalhadores das firmas: «A Vigorosa» de Espinho, e «Fernando Soares de Oliveira» de Argoncilhe; reunidos na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro, para uma conferência de Imprensa, para a qual foram convidados órgãos de Comunicação Social, particularmente estatizados.

Considerando que:

1.º — Estes órgãos deveriam estar ao serviço dos trabalhadores porque são por eles sustentados.

2.º — Comprometendo-se em comparecer e não aparecendo, demonstram total desprezo pelos problemas dos trabalhadores.

Por tal facto, os trabalhadores das Firms acima referidas manifestam o seu desagrado por tal atitude e repudiam as direcções destes órgãos, pela sua ausência.

Por outro lado, exigem do Governo que tome medidas adequadas e urgentes na resolução dos conflitos de trabalho que os opõem às entidades patronais porquanto entendem que o tempo de protelar as situações já é demasiado longo e consequentemente os seus prejuízos avultados para a Economia Nacional.»

A solução pretendida, tornou-se realidade, como bem sabem os nossos leitores; mas quanto à informação...?

S. M. O. L.

A Gerência terá que optar

Na S.M.O.L. que, conforme noticiámos, se encontra paralisada por má administração, o fim do conflito continua por definir.

Mais uma tentativa feita no sentido de pôr a empresa em funcionamento, pelo Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas, esbarrou com as atitudes negativas da gerência. De facto, esta opôs-se à vinda de um gestor técnico para a empresa, que era a condição imposta para se efectivar um financiamento de 3000 contos à empresa.

O único desejo dos trabalhadores é, neste momento, retomar a laboração; afirmam-no num comunicado saído recentemente. No entanto, põem à frente duas questões: para quê e para quem? A verdade é que os salários (de Julho e Agosto) continuam por pagar e sem salários é difícil sobreviver. O mesmo problema não se põe à gerência: a gestora da firma D. Adília, pressionada a tomar uma atitude, declarou ir ausentar-se oito dias, para gozo de férias.

Agora surge um novo facto a suscitar a esperança de que o problema venha a ter o fim que a Economia Nacional não dispensa e os trabalhadores merecem. Trata-se da presença naquela firma do Secre-

tário do Ministro do Trabalho, António Simões, na passada 2.ª-feira, dia 6, numa reunião com os trabalhadores da firma e com dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Aveiro. Durante essa reunião, ficou assente que o prazo máximo para prorrogação do impasse seria de três semanas. Expirado este prazo a gerência será convidada a optar: ou continua a gerir uma empresa privada comprometendo-se a assegurar a continuidade dum firma cuja rentabilidade é comprovada, ou entrega essa empresa ao Estado que, como é seu dever, ficará com o encargo de não só manter as dezenas de postos de trabalho que lá existem, como, sobretudo, de assegurar a produção de máquinas-ferramentas de alta qualidade, em território nacional, evitando o desperdício de divisas para a sua importação.

Continuaremos a seguir e a dar a conhecer aos nossos leitores a evolução deste caso, mais um, que ilustra bem a ideia expressa no comunicado distribuído pelos trabalhadores da S.M.O.L., de que é triste, muito triste, serem eles e as suas famílias a pagarem as asneiras e a incompetência de uma pessoa que o «capitalismo de aviário» em que vegetou o nosso País pôs à frente de uma empresa.

Sindicato dos Tapeteiros, Cordoeiros e Rendeiros do Centro do País — Sede em Cortegaça

COMUNICADO

«LOCK-OUT» (encerramento) da firma PEREIRA ALVES & IRMAO, LDA. Fábrica de Tapeçaria com oito Trabalhadores e três patrões.

Os trabalhadores continuam em situação desesperada, lutando pelo direito ao trabalho, há cerca de mês e meio.

1.º — Em meados de Junho a entidade patronal, sem aviso prévio, obrigou os trabalhadores a gozar férias, dizendo que não tinha matéria-prima (Cairo) para trabalhar;

2.º — Depois das férias os patrões chamaram um dirigente sindical à fábrica para lhe dizerem que iam fechar as portas em virtude de continuar a faltar Cairo para trabalhar;

3.º — Entretanto sugeriam que os trabalhadores fossem aproveitando algum dinheiro do Fundo de Desemprego, enquanto não houvesse matéria-prima. ENTÃO COMO É QUE OS TRABALHADORES PODIAM RECEBER SUBSIDIO DE DESEMPREGO SE NÃO TINHAM SIDO DESPEDIDOS?

4.º — Os trabalhadores ao tomarem conhecimento da decisão dos patrões de quererem fechar a fábrica, resolveram continuar a ocupar os seus postos de trabalho, dizendo que se não havia Cairo havia Sisal (tipo Cairo);

5.º — Em princípio a entidade patronal dizia que tinha muitas encomendas em carteira, mas que não tinha Cairo para trabalhar, agora que há Cairo, os patrões dizem que não têm dinheiro para o comprar;

6.º — Entretanto o Sindicato, há tempos, por intermédio do INSTITUTO DE APOIO AS PEQUENAS E MEDIAS EMPRESAS, conseguiu um empréstimo para a firma, no valor de Mil e Duzentos contos, o qual foi recusado pelos patrões em virtude de não concordarem com as condições propostas pela Banca.

ENTÃO COMO É?

- 1 — Há encomendas, não há Cairo;
- 2 — Há Cairo, não há dinheiro;
- 3 — Há hipóteses de haver dinheiro, não o querem.

Será que estes Senhores não têm mesmo dinheiro como dizem?

E OS BENS DELES?

DE ONDE SAIRAM?

NÃO FORAM ADQUIRIDOS A CUSTA DO SUOR DOS TRABALHADORES?

PORQUE E QUE AGORA NÃO QUEREM TRABALHAR COM O DINHEIRO OU VALORES QUE TEM?

OS PATRÕES SÓ QUEREM TRABALHAR, COM DINHEIRO QUE NÃO É DELES!

NÃO SERÁ ISTO «LOCK-OUT»?

OS TRABALHADORES CONTINUARÃO A LUTAR PELO DIREITO AO TRABALHO E PELO SEU GANHA PAO!

NÃO AO BOICOTE PATRONAL!

NÃO AO DESEMPREGO!

UNIDOS, ORGANIZADOS E VIGILANTES VENCEREMOS!
TRABALHADORES DA «PEREIRA ALVES» E SINDICATO EM LUTA.

MARÉ VIVA

interessa aos trabalhadores

Pinturarte

Armando Alves Ribeiro

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística
Rua 18 N.º 943 — Telef. 921412 — ESPINHO

Móveis — Espelhos e Molduras
— em todos os estilos —
Candeeiros — Louças — Cristais
— Alcatifas — Electrodomésticos, etc. —

OUVINDO TRÊS PADRES DA MULHER

(Conclusão da 1.ª pág.)

— Sim. Nós deparamos antes de mais com uma Igreja assente em diversas confusões. Por exemplo, confunde-se ser cidadão com ser cristão. As pessoas, nesta sociedade, são cristãs ao nascer, por herança, e não por uma escolha pessoal e livre. São «obrigadas» a ser cristãs. Até porque isso tem um grande peso social: lembremos a aliança Igreja-Estado e o poder do elemento religioso para domesticar as pessoas com fins políticos. Isso só foi possível porque a Igreja era um elemento social importante e servia para apresentar certas individualidades que se impunham ao povo.

Em segundo lugar, deparamos com uma Igreja sacramentalista e legalista. As pessoas, com medo da salvação e com pouca maturidade humana e cristã, passaram a viver na convicção de que a lei é que dava segurança. Havia a ideia de que bastava apenas cumprir repetida-

«As pessoas, nesta sociedade, são cristãs ao nascer, por herança, e não por uma escolha pessoal e livre»

mente certos ritos para ter a salvação garantida. Uma religião feita de acções mecânicas e afastadas da vida, com os padres a funcionar apenas como profissionais dos sacramentos (boa capa de protecção para insuficiências, receios ou preguiça), com uma Igreja género «agência de seguros para o céu», onde se compra um bilhete para ter acesso garantido à salvação.

Até que ponto toda uma doutrinação virada apenas para o céu e para a «outra vida» não afastava muito as pessoas desta vida e deste mundo?

— Podemos realmente falar de uma Igreja abstracta, que lança os homens para o céu, afastando-os da encarnação e do empenhamento na luta neste mundo. Claro que a luta pela libertação é muito mais dura que uma certa paz e conforto celestiais... Podemos também considerar esta Igreja paganizante, pois cada um faz o deus que lhe convém, à sua medida e paladar. E assim aparece um deus dos ricos e um deus dos pobres (que não são iguais, claro), como aparece um deus dos aflitos, ou dos ignorantes, ou dos doutores. Daqui nasce toda uma idolatria pagã, em que se fazem promessas egoístas e interesseiras, quantas vezes a pedir a Deus ajuda para se continuar a roubar ou a explorar...

A Igreja com que deparamos é, ainda, «adormecida e adormecedora de consciências». Os cristãos não pensavam, não criavam, não criticavam. Havia sempre as «pessoas generosas» que pensavam por eles, que se agarravam a este elemento religioso íntimo para manipular.

Deparamos com uma Igreja de poder e privilégios, numa instituição forte ao lado de outras, até pelos bens materiais que possuía. E este afastamento da Igreja da sua razão de existir é por vezes tão dramática que quase podemos dizer: Se Deus morresse, a Igreja continuava a funcionar. Nem dava por isso...

«Vocês aos Padres podem calá-los, mas a nós nunca mais nos calam...»

Depara-se, portanto, com esta Igreja, com todas estas contradições que vemos à nossa volta e que vocês apontaram. Entretanto, é preciso fazer alguma coisa no sentido da mudança.

Como realizar a passagem desta Igreja para outra mais verdadeira, mais evangélica, mais segundo Jesus Cristo?

— Pois é esse o trabalho que nós procuramos aqui fazer. É necessário levar a Igreja (que são todos os cristãos) a entrar no processo libertador. Para isso há que tirar as falsas seguranças a uns, as razões de prestígio a outros e a ilusão a muitos. Este desinstalar custa a todos, sobretudo se a mudança é profunda e toca numa experiência longa de muitos anos. Mas entendemos que não se deve adoçar as coisas por um pretensão respeito ou compreensão das pessoas; isso seria uma infidelidade e o caminho óptimo para nada fazer. Pedagogia não significa pedagogia de comodismo ou fuga às tensões e aos problemas. Cristo também não fugiu e foi firme; e ninguém diz que ele não respeitou as pessoas. Perante a firmeza da libertação que propunha, Cristo interpelou; muitos não quiseram e foram-se embora.

Ora esse trabalho é feito aqui, nesta região particular, com estas pessoas concretas, o que certamente levantará alguns problemas especiais. Como vêm vocês esta terra?

Pelo que já nos foi dado entrar na vida das pessoas, e com base em muitos testemunhos, estamos convencidos de que esta é uma zona industrial que cresceu vertiginosamente, à custa de uma exploração extraordinária. E cresceu no meio de um povo rural, cujas privações eram tremendas. Com tão graves carências, não podiam ter grandes ambições. Quando veio a indústria e vislumbraram a possibilidade de passarem a ter um ordenado certo (mesmo pequeno e injusto), de passarem a poder ter de comer e tê-lo certinho, isso lhes bastou. Uma gente assim, pobre, sem grandes ambições, dava aos capitalistas a possibilidade de explorarem à vontade dispendo de uma mão-de-obra barata e satisfeita. Além disso, os exploradores tornavam-se pessoas familiares e queridas, pois eram capazes de falar com os operários, dar palmadas nas costas, ir até ao café... Eram pessoas que envolviam e conseguiam assim subtis mecanismos de domínio. A Igreja também ajudava pois esses mesmos senhores também mandavam na paróquia, administravam os bens, dominavam a

«...fazer crescer a consciência de que cada um é grande não pelo dinheiro ou pelo prestígio mas pela dignidade de vida»

vontade. Esta exploração enorme permitiu que em poucos anos aparecessem fortunas enormes e uma série de novos ricos. Como permite que ainda hoje se façam montes de horas extraordinárias quase de graça, apenas a troco de uns pedidos amigáveis ou de umas gorjetas do patrão.

Hoje em dia começa a notar-se já o aparecimento de uma consciência operária já bastante definida, sobretudo em certas pequenas zonas. Para isto devem ter contribuído diversas acções de solidariedade quer entre fábricas diferentes, quer mesmo entre sindicatos. De qualquer modo, as pessoas começam a estar bastante mais atentas e capazes de olhar criticamente para as situações de injustiça em que tantas vivem.

Claro que tem havido problemas e dificuldades com a vossa acção. Para finalizar, seria talvez útil analisar um pouco o porquê desses problemas...

— Antes de mais, o facto de se terem posto de lado os esquemas assistencialistas e a ideia de que os bons é que fazem caridade (género bombeiros dos desprotegidos), substituindo-os pela exigência da promoção do homem e da justiça social, foi um golpe que mexeu com muita coisa. Como era de esperar. A caridadezinha é mais fácil e... esconde muita coisa. Depois, tentámos fazer crescer a consciência de que cada um é grande não pelo dinheiro ou pelo prestígio de tradição, mas pela dignidade de vida. As pessoas começam a descobrir que são tão capazes e têm tanta voz como os tradicionais «senhores» que mandavam em tudo. Ora isto é um golpe fatal na base que permite situação de domínio e exploração à custa da ignorância. Além disso,

A mulher no trabalho

Esta semana dirigimo-nos ao caminho de ferro. Vai sendo vulgar vermos uma mulher como guarda de passagem de nível.

A conversa foi breve. De resposta pronta, denotando saber o que quer e aquilo que se passa à sua volta, eis o que apurámos do inquirido à sra. Dina:

— Como vêm sou guarda de passagem de nível.

M. V. — Como mulher a senhora, nesta profissão, não tem problemas por ter que trabalhar à noite?

— Não, nunca tive problemas. Nem com colegas de serviço nem nada. Mesmo com esta vadiagem que se passeia até altas horas da noite nunca me pude queixar de nada.

Precisamente, o único inconveniente é ter que fazer turnos à noite. Claro que só os tenho que fazer de três em três semanas. Com o bom tempo ainda vai... Mas paciência, faz-se.

Trabalho nove horas por dia e já há 10 anos que aqui sou empregada.

Agora a minha situação é melhor, ganho cinco contos e novecentos, pois antes do 25 de Abril ganhava apenas um conto e setecentos. Tenho férias e subsídio de férias, tenho todas as regalias. Até a caixa da C.P. oferece agora a possibilidade de podermos estudar.

Mas também posso dizer que há pouco para sermos aumentados em novecentos escudos, tivemos de nos deslocar a Lisboa a um plenário.

M. V. — Gostaria de ter outra profissão?

— Não, gosto desta. Tive até a possibilidade de ser colectora, mas não quis. Nunca pensei bem, se tivesse estudos, o que queria ser.

E condições? E estudos? Então como era? E nem estou mal...

Tenho casa da C.P. e como empregada desta empresa não tenho nada a dizer.

RESPOSTA

11 Set.º 76

A primeira carta do Chile

Fui portador da tua carta.

Não tinha data.
Apenas o sangue que sai
diariamente
pelos olhos e mãos
dos que dizem não
ao carrasco ostentado no selo — Pinochet.

Fui portador da tua carta
repito
por que são milhares de cartas
diários de fome
sofrimentos dum povo
com o Sol na cabeça.

Segunda carta do Chile

Amigo:

Resiste no meu ventre
o embrião da liberdade
que segrega na luta.

Manuel Lopes

temos dado prioridade a uma evangelização que vá muito à vida das pessoas, que toque nas situações concretas. A denúncia de situações reais de injustiça foi um aspecto importante que fez abrir os olhos e ajudou as pessoas a crescer. Era o que dizia há tempos uma senhora, enquanto nos defendia de uma tentativa de agressão: «vocês aos padres podem calá-los, mas a nós nunca mais nos calam...»

Todas estas coisas, este desmascarar e pôr a nu uma série de coisas com que se enganavam as pessoas, irritou certos grandes senhores da terra, como era de esperar. E começaram a erguer-se contra nós e a tentar erguer também o povo, procurando fazer apelo ao seus sentimentos religiosos, ao sentimento dos mortos, às festas populares, a um certo baírrismo. Com tudo isso tentam calar-nos. E se por vezes as pessoas, embora já conheçam esses senhores e estejam de acordo conosco, não são capazes de tomar uma posição concreta, por outro lado é consolador ver que no meio destas tensões muitas pessoas têm sido levadas a tomar posição e tomam-na, com uma coragem que não teriam anteriormente em

J. PINHEIRO DE MORAES

CLINICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

situações normais. Nada mais do que isso enfurece esses grandes senhores, habituados como estavam a ver o povo obedecer-lhes cegamente em tudo, sem sequer perguntar o porquê... E por isso tentam pôr-nos aqui para fora ainda com mais força, ao ver que lhes foge o tradicional campo de domínio.

Três padres. Párcos de Moselos, Lourosa e S. Paio de Oleiros.

Três padres que muita gente quer marginalizar. Quem?

SABIA QUE...

Heliodoro, voleibolista de bons recursos, vai voltar ao Sporting de Espinho, depois de várias épocas ao serviço de uma equipa bancária.

★

Também Tibério (ex-Fiães) está a um passo de se transferir para a equipa dos «Tigres».

★

Partem no próximo sábado para Madrid, onde vão frequentar um curso de Treinadores de Voleibol, promovido pela Escola Espanhola de Treinadores, os técnicos do Sporting de Espinho, Carlos Prata e Luís Resende.

★

Também a Académica de Espinho estará representada neste curso por intermédio de Tibério Coelho. Manuel Augusto Lacerda que em princípio também estava indicado não se deslocará ao curso por não ter atingido ainda a idade mínima.

★

Segundo informações colhidas, todos os clubes do Norte e do Centro que participaram na última Volta a Portugal em Ciclismo deverão estar presentes, no circuito «RAINHA DA COSTA VERDE», organizado pela Associação de Ciclismo de Aveiro, com o patrocínio da Comissão de Festas de Espinho. Esta prova que se realiza no próximo sábado a partir das 16 horas, está incluída no programa de festas a Nossa Senhora da Ajuda.

★

No domingo, o Atletismo popular vai ser «REI». Além das dezenas de jovens em representação de clubes, bairros, comissões, etc., espera-se a presença de atletas Olímpicos, assim como do treinador Nacional Prof. Moniz Pereira. A 1.ª Léguas a Espinho, é uma organização da Comissão de Festas de Espinho, com a colaboração do D.A.A. do Sporting de Espinho. As provas têm início às 9,30 estando a meta colocada na Avenida 8, junto à cabine de Publi-son.

Clube Académico de Espinho

— ciclismo já há, atletismo vai haver

Já aqui falámos do Clube Académico de Espinho. Das suas dificuldades, da sua luta por dias melhores, por velhas aspirações que o entusiasmo dos seus dirigentes, sócios e atletas não deixa perder de vista. Esse entusiasmo que cria novos sonhos e transforma o quotidiano do Clube num perfilar constante pela sua concretização e que os mais variados obstáculos não fazem esmorecer. A história do Académico é a história dos pequenos clubes populares para quem fazer desporto, «oferecer» o desporto é a razão de existir.

Hoje voltamos aqui, porque temos novidades. Uma talvez já nem o seja, pois um dos nossos colaboradores já havia levantado parte do véu com uma pequena notícia onde se anunciava a criação duma secção de ciclismo no C.A.E. Pois foi precisamente esta notícia que nos levou de novo à barbearia do presidente do Clube, sr. José Martins Ferreira e que funciona como sede improvisada.

Sobre o ciclismo, o sr. Ferreira remeteu-nos para o encarregado da secção que disse estar mais dentro do assunto. Aproveitou, no entanto, para nos falar das outras modalidades.

TAMBÉM ATLETISMO

Assim, o futebol viveu dias grandes com a deslocação da equipa de onze a França, que defrontou uma equipa local de emigrantes portugueses e foi recebida com a alegria e entusiasmo que se adivinham. O êxito desta viagem trouxe novos con-

vites de França e também de Espanha e da Alemanha.

O futebol de salão continua com actividade regular, de que se destaca a recente participação no torneio da Académica de Espinho.

A pesca desportiva continua em movimento e a prová-lo está a recente integração duma equipa do Clube no Torneio Internacional da Póvoa de Varzim.

A revelação mais significativa do presidente do C.A.E. e a revelar o dinamismo dos seus dirigentes foi a de que está em vias de formação uma equipa de atletismo, para o que já foram estabelecidos contactos com o N.A.A.S.C.E. Com a criação desta secção e da de ciclismo, à falta de sede vem juntar-se a necessidade de se arranjam balneários com chuveiros para os atletas e ciclistas, sem os quais a prática destes desportos se pode tornar até prejudicial. Uma das possibilidades em vista é a utilização dos balneários do parque de campismo, depois da época de Verão, para o que já se contactou a Câmara.

CICLISMO VAI CRESCER

Já com o sr. Quirino de Jesus, que tem a seu cargo a secção de ciclismo, pudemos saber mais pormenores sobre uma iniciativa que, se não é inédita, há muito não se via em Espinho.

Pois é verdade. O ciclismo no Académico já está a andar!

A ideia, já de há algum tempo, tomou forma com a realização da



Volta a Portugal em Miniatura. Sabendo da existência do Movimento Nacional de Ciclismo da iniciativa da D.G.D., os dirigentes do Académico conseguiram reunir treze jovens e inscreveram-nos nesse M.N.C.

Este movimento tem por missão a organização de provas de ciclismo e o apoio em material. Essas provas começaram já a realizar-se no distrito do Porto, o mesmo não acontecendo no distrito de Aveiro, embora já estivessem programadas. Dificuldades criadas pela Volta a Portugal, pois Alves Barbosa, um dos responsáveis pelo M.N.C., ter-se-á visto, por esse motivo, subtraído às actividades daquele organismo.

Entretanto, os miúdos, com idades de 9 a 13 anos (recentemente inscreveu-se um jovem de 20 anos), uns com «pasteleiras», outros com bicicletas mais competitivas, vêm treinando regularmente orientados pelo sr. Quirino e por outro entusiasta do Clube, Ângelo Sabença. E à falta de provas oficiais já intervieram em provas populares realizadas em Oleiros e Esmoriz.

Quanto ao material, Alves Barbosa prometeu deslocar-se a Espinho para ver das possibilidades de cedência de algumas bicicletas.

Mas, até ver, as competições são poucas e o material ainda menos. O que não significa que o ciclismo do Académico vá parar. Vai avançar, prometeram-nos.

E para ajudar espere-se por uma campanha de fundos, porque o Académico é gente que vive do seu trabalho.

FUTEBOL

Amigos, amigos... Futebol à parte

S. C. Espinho, 2 — S. C. Vila Real, 1

Tudo começou bem. Boa casa, fanfarras, aplausos, uma bela recepção para os velhos amigos de Vila Real, que agradeceram lançando flores ao público. Bernardino pareceu particularmente sensibilizado. Assim, aos 5 minutos, centro de Malagueta, guarda-redes a ver e o jovem defesa-esquerdo em voo a marcar um tento espectacular. Arrependido, foi confortado pelos colegas. Mas o mal estava feito. 1—0.

Era o desfazer da tática defensiva que, por certo, o treinador dos transmontanos havia concebido. O Espinho terá ficado com a ideia de que o jogo iria ser fácil. Jogava-se bem. Alemão era outro. Com «raids» pela direita, abria a zona de ataque que ia até à outra ponta onde Malagueta também fazia «coisas». Aos 15 minutos, por exemplo, põe José Maria a gatinhar fora da grande-área e manda a bola para o barulho. Valeu Zeca em cima do risco para que o jogo não ficasse ali arrumado.

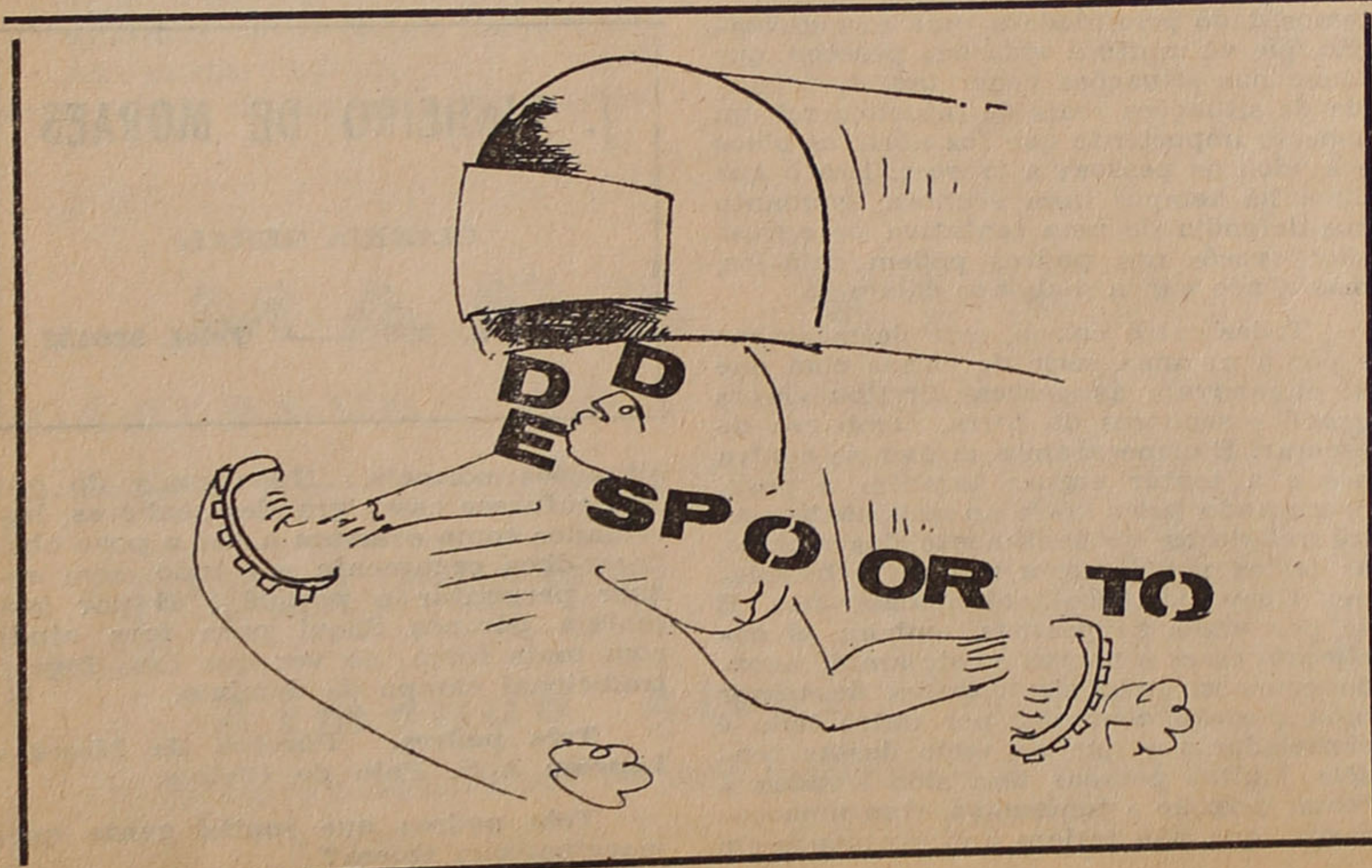
Mas não ficou. O Vila Real viu que tinha de vir para a frente. Tentou equi-

librar o jogo. Não o conseguiu totalmente. O Espinho, a cair de rendimento continuava a ser mais perigoso. Reís, muito marcado, e Serrão, em todo o lado, criavam oportunidades que o Vila Real não tinha. O meio-campo ia cumprindo. Só a defesa oscilava. Mais Pereira, nervoso, sem tempo de entrada, a fazer faltas constantes. Numa delas, Bitó manda um «tirão» à trave e dá o aviso. Mário sente o perigo e grita por «Chana» (Castanheira) que nem estava a jogar mal. Também Ribeirinho ia levando a água ao seu moínho. Gonçalves acusava a insegurança de Pereira.

A primeira parte, a deixar algumas apreensões, não terminou sem o sr. Moreira Tavares, rigorosíssimo (fora das grandes-áreas), levasse a sua meticulosidade ao ponto de mandar toda a gente para os balneários quando Reís corria isolado para o segundo golo. Não foi bonito.

O Vila Real regressou do descanso com novas energias e o empate não dei-

(Conclui na página 7)



DESPORTO

O Karaté da A. A. E.

Na tentativa de criar em Espinho o gosto pelo Karaté, entendido seriamente e não como é definido nesses filmes de «Kung-fu» que por aí abundam, a Associação Académica de Espinho iniciou há mais de um ano a prática desse desporto com a colaboração da Academia Soshinkai.

Tudo corria pelo melhor, quer no campo desportivo, quer no campo financeiro, até que a referida Academia começou a levantar problemas, estando neste momento a tentar denegrir na própria cidade, um clube desde sempre respeitado pela sua conduta idónea e pela sua luta em prol da divulgação do desporto.

Mas, afinal, o que se passa concretamente?

A explicação é-nos dada pelo presidente da Direcção da A. A. E., Dr. José Carlos Leitão.

«Jogando com um pretenso decreto-lei, a Soshinkai pretendia desligar-se do

clube, não se obrigando a prestar-nos contas como vinha sendo habitual. Ora o tal decreto, como nos foi informado, não passa duma hipótese, não estando portanto em vigor. Mas, perante a insistência da Soshinkai, e pretendendo a A. A. E. continuar a divulgação do Karaté em Espinho, contactamos o C. D. A. M. (Comissão Directora das Artes Marciais) que nos deu as melhores referências da Shotokan Karaté-do Portugal escola esta que se comprometeu a colaborar connosco, exigindo somente o pagamento das deslocações dos mestres, e não ordenados como exigia a Soshinkai.

Portanto, e apesar dos rumores e de todas as espécies de pressões e boicotes que a Soshinkai, pretende criar em redor da nossa actividade, a A. A. E. continuando na sua firme intenção de servir a população espinhense no que se refere à prática desportiva, terá este ano, curso de Karaté aberto a todos os interessados».

Festas
N.ª S.ª da Ajuda

(Conclusão da pág. 8)

mente na entidade que realize todos os anos estes festejos impede uma programação com a devida antecedência e a inclusão de outras actividades, nomeadamente do sector industrial e artesanal da região, que proporcionam melhores espectáculos e consequentes benefícios para espinhenses e forasteiros.

A falta de uma planificação feita com a devida antecedência, a necessária limitação das despesas e o problema burocrático referido atrás não terão ajudado a que a Comissão de Festas conseguisse um programa que cumprisse totalmente os objectivos que se propunha atingir.

A circunstância de termos sido forçados, à última hora, a realizar as festas, impediu-nos, como é natural, de concretizar as ideias que expusemos. Isso não obistou, apesar de tudo, a que conseguíssemos elaborar um programa diversificado e com alguns números de reconhecido valor. O critério usado foi o de se procurar substituir alguns números (bandas e foguetes, por exemplo) por outros mais económicos e também de agrado (variedades, tunas, conjuntos musiciais e desporto), com a preocupação de não excedermos demasiado a verba que teríamos de dar à Confraria e limitando as despesas sem que o programa perdesse qualidades.

Foi assim que conseguimos a actualização graciosa da Banda do Regimento de Infantaria do Porto (uma das melhores do país), de um espectáculo de variedades do Inatel e das Bandas de Silvalde, Paramos e Tuna de Anta, que fazem incluir os seus espectáculos nos que têm de dar gratuitamente, por força das condições postas pelos subsídios da Solverde. Acrescente-se que estes grupos foram convidados a actuar no dia principal das Festas, o que já acontecia há bastante tempo. Pena é que a Banda de Paramos não o possa fazer por impossibilidade.

Em condições muito vantajosas actuam ainda o Rancho Regional de Gulpilhares e o Grupo de Coros e Danças da Hungria.

Se nos é permitido, aproveitamos para testemunhar a todas estas entidades o nosso melhor agradecimento.

É geralmente admitido que as Festas, além das razões de ordem social que as mantêm, são também um factor importante para economia da terra, sobretudo pelo grande movimento comercial que ocasionam. Até que ponto se justificará um investimento deste género, e como têm reagido os sectores mais directamente beneficiados?

As despesas com as Festas da Ajuda deste ano, pelas razões apontadas, seriam excepcionalmente diminutas se não fosse o elevado custo das ornamentações e das sessões de fogo preso e de artifício. Mas, mesmo que elevadas, são de considerar um bom investimento também no aspecto económico. Se admitirmos como provável a visita a Espinho, no período das Festas, de 100.000 forasteiros, com uma despesa média de vinte escudos, verificamos que ficam na nossa cidade mais de 2.000 contos.

Embora o facto que citamos seja uma realidade, os nossos comerciantes, salvo raras excepções, não correspondem na medida dos benefícios que usu-

fruem. Este ano, por impossibilidade dos membros desta Comissão, não houve a habitual recolha de donativos para as Festas, mas a Comissão do Programa Desportivo irá procurar conseguir no comércio e indústria locais prémios e donativos destinados às provas desportivas. Para esta Comissão Desportiva solicitamos a melhor colaboração de todos, pois o êxito futuro destas provas depende, em grande parte, dos prémios a distribuir este ano.

O desporto mereceu um lugar privilegiado no programa deste ano. Um acaso de circunstância ou uma acção deliberada?

A inclusão do desporto este ano foi uma acção deliberada da Comissão de Festas por dois factores: no caso do atletismo, pretendemos preencher a manhã de domingo, proporcionando uma homenagem a uma equipa olímpica e simultaneamente motivar os jovens espinhenses para a prática desta modalidade.

No caso do futebol masculino e feminino e do ciclismo, pretendemos aproveitar a enorme afluência de público a esses espectáculos, o que poderá proporcionar magnífica receita à entidade a que solicitamos colaboração para o programa desportivo: a CERCIESPINHO — Cooperativa de Reabilitação de Crianças Inadaptadas, que constitui a Comissão Desportiva que já referimos.

Defendemos a participação activa de organizações populares na organização alguns de festejos que assim lhes poderiam acentuar o seu cariz popular. Um aspecto que não foi contemplado no programa de Festas apresentado.

Que nos lembremos, nunca as organizações populares foram solicitadas para participarem nas Festas da Nossa Senhora da Ajuda. Pela nossa parte, reconhecemos ter sido um lapso relevado parcialmente pelo pouco tempo de que dispusemos para levar a cabo esta organização. No entanto, consideramos bastante feliz a sugestão do «Maré Viva» e achamos que deve ser posta à consideração dos futuros responsáveis pelas Festas. Dos aspectos negativos que muitos apontarão nas Festas deste ano não alijamos a responsabilidade por deles termos consciência, mas apelamos para a compreensão de quem formular as críticas.

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

Empregada

de Balcão, Consultório
ou Supermercado

OFERECE-SE

Falar Rua 33 n.º 408 — Espinho

ESCRITAS

PART-TIME

Quaisquer serviços de escritório

Mário A. A. Ferreira

Apartado 47 — Espinho

Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

Cardoso & Valentim, Lda.

APARTADO 13

SEIXEZELO

ARGONCILHE

FUTEBOL

(Conclusão da 6.ª página)

xou ninguém embasbacado. Centro, Quim, carregado, larga a bola e Mansilha atira para a baliza, com Ribeirinho estendido na linha de golo. Olhámos para o relógio. Cinco minutos.

Os transmontanos puseram finalmente em prática a lição que tinham estudado para segurar o empate. Tiveram a oportunidade, mas só por dez minutos. O Espinho sentiu o golpe, atirou-se para o ataque, criou oportunidades e desempatou. Canto por Gentil e Reis de cabeça foi lá acima fazer justiça.

Daí até (quase ao fim, o ascendente dos espinhenses foi flagrante. Aos 67 minutos, Gentil do lado esquerdo centra para o outro poste e Alemão recarga para Delfim salvar em cima do risco. O «germânico», menos folgado para os «raids», opta (e bem) pelos remates. Três de fora da área (um a beija-trave) chegaram para provar que

temos rematador para acompanhar Reis e Serrão.

Nóbrega e Amaral tentavam pôr ordem no jogo, mas só nos últimos cinco minutos voltaram a fazer coisa que se visse e pregar mesmo um susto: um golo anulado por fora de jogo.

Os adeptos espinhenses terão saído esperançados (nós saímos). Há agulhas a acertar, mas uma coisa é certa: a equipa joga futebol e é combativa.

As equipas alinham:

S. C. ESPINHO — Quim; Ribeirinho, Pereira, Gonçalves e Castanheira; Alemão, Gentil e João Carlos; Serrão, Reis e Malagueta.

S. C. VILA REAL — José Maria; Delfim, Zeca, Adriano e Bernardino; Guaraci, Amaral e Nóbrega; Mansilha, Bito (Peres, aos 80 m.) e Faia.

Árbitro: Moreira Tavares (Porto).

PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.ª — Telef. 92121ª

MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.ª — Telef. 921014

FESTAS N.ª S.ª da AJUDA

● FALA A COMISSÃO DE FESTAS

Elas aí estão! Pontualmente, em meados de Setembro, quando a cidade se despede do seu ar característico de Verão e recupera a feição, mais melancólica, de Inverno, as Festas de Nossa Senhora da Ajuda são um momento em que um último arrebatamento gaiteiro é pretexto para folgar ainda um bom bocado. A «estação» começara marcada por festas, aos santos populares, e é fechada com outras festas, estas de maior projecção à tradicional padroeira da cidade.

Com o correr do tempo, as festas têm tentado, de alguma forma, adaptar-se às novas exigências, embora muito

haja ainda a fazer para lhes transmitir novas características que, não lhes retirando a alegria e o colorido próprios de manifestações populares, permitam um enriquecimento e uma actualização constantes. Partindo sempre do princípio de que hoje as festas da padroeira de uma qualquer terra já não constituem, regra geral, a única ocasião de diversão para os seus habitantes, necessário se torna prever e organizar o seu programa no contexto mais amplo das movimentações sociais e culturais da região.

E é, talvez, porque ainda não se tenha encontrado melhor fórmula para

organizar festejos do género dos que referimos, que a sua importância e razão de ser são por vezes discutidas, quando não negadas, pelo menos enquanto manifestação de enriquecimento da cultura popular que poderiam e deveriam constituir. Aliás, também no que se refere à parte religiosa, que é completamente imprescindível, são conhecidas as críticas muitas vezes formuladas dentro e não de fora.

O que ninguém contesta é o interesse económico que umas festas com algum impacto representam para a cidade. E talvez seja isso que as vai ajudando a manter, apesar de todas as

afirmações de que já nada significam. Mas afinal, e pelo menos enquanto não houver alternativa capaz, as festas da cidade até têm razão de ser: quanto mais não seja, aquela que lhe reconhecem milhares de pessoas que, anualmente, lhes atribuem algum valor.

As Festas de Nossa Senhora da Ajuda são, pois, uma realidade social que não devemos ignorar. E que por serem, devem ser discutidas. E a esta discussão não escapam os organizadores, defendidos e atacados, pelo que fazem e pelo que não fazem. Desta vez é a Comissão de Festas de Espinho, Fomos ter com ela. E ouvimos.

GAZETILHA

CONFISSÃO DE BEM-QUERER

Quanto mais duro o dia-a-dia for,
Mais me apego à tua imagem grata
E mais desejo ter-te ao meu dispor,
Em plena fruição imediata.
Tu és o meu abrigo, o meu conforto;
No temporal, meu almejado porto,
Na dor que aflige, no pesar que oprime,
És tu, apenas tu, que o pensamento
Me oferta, como bênção que redime.
Nas longas horas que contigo passo,
Sabes apaziguar todo o tormento,
Todos os erros que na vida faço.

Momentos de prazer que em ti desfruto
Dão-me a satisfação, o bem-estar,
Onde por vezes colho o doce fruto
Que a alma ansiosa pode ambicionar.
Dos nervos tensos o relaxamento,
A ousadia de não pensar em nada,
Dormindo a sono solto e desatento,
Sem a espertina da alta madrugada...
Tanto me deste, velho leito amigo,
Onde o meu corpo e espírito repousou!
Logrei, no tempo em que dormi contigo,
Contar-te coisas... que dizer não ousou.

E quando um dia a morte aparecer
E eu for levado na invisível trama...
Como o teu fado é o de sobreviver,
— Então... «que o homem morra e fique a cama»!

Alberto Barbosa (BEKA)

A exemplo do ano transacto, fizemos o convite à Confraria da Nossa Senhora da Ajuda para que fosse ela a realizar as festas deste ano. Estávamos convencidos de que assim aconteceria, mas após vários contactos nesse sentido, fomos informados de que a não ser aumentado o subsídio de 100 para 150 contos, a Confraria não realizaria as festas deste ano, exigência fundamentada no facto de pretenderem ornamentar a Rua 19, o que não acontece há vários anos. Porque entendemos ser descabido o aumento de iluminações no período de austeridade que se vive, para além de outros inconvenientes, resolveu a Comissão não aceder à vontade da Confraria e arcar com a responsabilidade de realizar as festas. Temos que concordar que seria extraordinariamente mais cómodo para a Comissão despendermos os 150.000\$00 e evitar as canseiras e aborrecimentos que uma organização deste tipo provoca.

Aliás, esta Comissão de Festas contrariamente à opinião de certas pessoas que só vêem o «grande turismo», entende que são de acarinhar todas as manifestações populares deste tipo. Por essa razão temos prestado a melhor colaboração a todas as festividades do concelho, dentro das nossas possibilidades económicas, limitadas sempre, mas este ano agravadas pelo facto da habitual contribuição da Solverde não nos ter sido entregue, julgamos que por questões de ordem burocrática.

A ideia mestra que deverá presidir a todas as tentativas de renovação das

festas populares será o seu ajustamento às necessidades mais profundas das populações. O programa dos festejos deste ano não parece totalmente indiferente a este conceito de renovação.

Procuramos, sempre que possível, levar as várias comissões organizadoras a promoverem festejos que vão perdendo as características negativas que por vezes têm e levá-las a incluir nos seus programas festivos manifestações culturais e recreativas de que as populações tirem alguns benefícios.

No caso da Nossa Senhora da Ajuda, para além destes interesses outro poderá ser atingido: a visita ocasional, diariamente, de muitos milhares de fiéis, a quem poderemos proporcionar bons espectáculos, com o consequente aumento substancial das receitas do nosso comércio e sector hoteleiro. O facto de se não assentar definitivamente

(Continua na pág. 7)

TEATRO

No Salão da Escola Comercial e Industrial, hoje, 15 de Setembro às 21,30 horas:

«O Santo Inquerito»

Preços:

Sócios da NASCENTE	7\$50
Não sócios	15\$00

NASCENTE cineclube

«NASCENTE» leva a efeito no próximo dia 24, às 21.30 horas, no Salão da Piscina, mais uma sessão do Cineclube, com o filme «O SAL DA TERRA», de Herbert Biberman.

A entrada será reservada aos sócios da Cooperativa, mas admitem-se novas inscrições no início da sessão.

CINEMAS

S. PEDRO

Dia 15, Quarta-feira — «BALBÚRDIA NO OESTE» — Maiores de 13 anos.

O filme da semana! Vá hoje ao cinema que não se arrepende.

Dia 16, Quinta-feira — «O LEÃO E O VENTO» — Maiores de 13 anos.

Esta semana você está com sorte. Não é que este filme seja uma maravilha, mas a sua ida não será em vão.

Dia 17, Sexta-feira — «WOODSTOCK» — Maiores de 13 anos.

Se gosta de música «rock», compre o seu bilhete, ainda que muitas questões

se poderiam levantar acerca da máquina comercial em que se apoia este género de música.

Dia 18, Sábado — «MALÍCIA DE VÊNUS» — Maiores de 18 anos.

Ir ao cinema para ver a Laura Antonelli? Talvez não valha a pena.

Dia 19, Domingo — «UMA LOIRA PARA TODOS» — Maiores de 18 anos.

Uma loira explosiva com conhecimentos de Karaté. Um perigo do qual você deve fugir a sete pés.

Dia 20, Segunda-feira — «KUNG-FU CONTRA OS 7 VAMPIROS DE OURO» — Maiores de 18 anos.

«Kung-fu» e Vampiros, uma mistura bastante indigesta.

Dia 21, Terça-feira — «A ÚLTIMA GOLPADA» — Maiores de 18 anos.

Uma película à boa maneira de Hollywood, com todos os ingredientes para a tornar num espectáculo de sucesso. Descanse, pois não perde nada se não for ao cinema.

CASINO

Dia 15, Quarta-feira — «O DELICADINHO NO OESTE» — Maiores de 14 anos.

Um verdadeiro insulto à inteligência do espectador.

Dia 16, Quinta-feira — «LEONOR» — Maiores de 18 anos.

Liv Ullman e Michel Piccoli dois actores que nos merecem certas garantias. Quanto ao filme? A decisão pertence-lhe.

Dia 17, Sexta-feira — «UMA MULHER E PERAS!» — Maiores de 18 anos.

Não só de cinema vive o homem!

Dias 18 e 19, Sábado e Domingo — «OS DOIS BOMBEIROS» — Maiores de 18 anos.

Dois dias com algo que nem é comédia, nem mesmo cinema. Franco Franchi e Ciccio Ingrassia dois pretendentes a cómicos, que não nos merecem gastos de tempo e dinheiro.

Dia 20, Segunda-feira — «O VENTUROSO DE DEBORAH» — Maiores de 18 anos.

Reserve os seus desejos de ver bom cinema, para melhor altura.